

## Madeira

# POLÍCIAS PAGAM CARO POR FESTAS A MAIS

**ASPP/PSP  
acusa os  
promotores de  
estarem a  
poupar na  
segurança e  
desafia as  
câmaras a  
reduzir o  
horário das  
licenças. "Não  
somos contra as  
festas, não  
podem é  
começar às 10  
da noite e  
acabar às 8 da  
manhã".**

**RICARDO DUARTE FREITAS**  
rfreitas@dnoticias.pt

Desde Janeiro até ao dia de ontem, nove polícias foram agredidos em serviço, dois dos quais durante o arraial de Nossa Senhora da Piedade, que decorreu no último fim-de-semana, no Caniçal. O número de baixas (agentes que precisaram de assistência médica) iguala já o registado em todo o ano de 2015 de acordo com os dados de que dispõe a Associação Sindical dos Profissionais de Polícia (ASPP/PSP).

"É um problema que nos merece preocupação e que tem os seus picos em alturas de eventos festivos, nomeadamente arraiais e outros", analisa Adelino Camacho, coordenador regional da ASPP/PSP.

Questionado pelo DIÁRIO sobre os motivos da violência contra a Polícia, Adelino Camacho é peremptório: "deve-se ao maior número de eventos na Região, pode ter a ver com o baixo número de agentes nomeados que, em muitos casos, pode ser desproporcional face aos riscos inerentes".

O número de polícias para cada evento particular - que inclui festas, arraiais, espectáculos, actividades desportivas - é proposto pela PSP e pago aos agentes pelos promotores dos eventos. Segundo o subcomissário Adelino Camacho, não se trata de um erro de cálculo mas de uma estimativa normalmente pouco optimista quanto ao número de participantes no evento que é apresentada pelos promotores de modo a requisitarem o número mínimo de polícias, reduzindo assim os custos.

"Os organizadores muitas vezes esperam menos gente do que aquela que aparece", observa Adelino Ca-

macho. Quando ocorrem desordens, os meios policiais destacados para garantir a segurança são manifestamente insuficientes e têm de solicitar reforços ao contingente de esquadras vizinhas - quando há também atarefados dada a "proliferação de eventos".

"Não pode ser utilizada sempre a mesma bitola, ou seja, um espectáculo de música electrónica ao ar livre não pode ser equiparada a uma festa religiosa ou a um evento desportivo: tem de haver mais policiamento", explicou.

No caso concreto do arraial do Caniçal, Adelino Camacho não tem dúvidas: "O número de efectivos era desproporcional e os promotores têm de ter outra ponderação face aos riscos para a segurança de um evento onde estão 3 ou 4 mil pessoas", apontou Adelino Camacho.

A ASPP/PSP tem uma posição clara em relação às licenças concedidas para festas e arraiais, sobretudo quando acompanhadas de animação musical pela madrugada fora até se fazer dia. "Deve haver uma ponderação dos promotores e também das câmaras no sentido de reduzir o horário das licenças especiais de ruído", advertiu Adelino Camacho.

Quer dizer que as licenças estão a ser concedidas sem critério? "Não. Há critério, mas não pode começar às 10 da noite e acabar às 8 horas da manhã", responde.

"A nossa ideia não é acabar com as festas, mas que haja uma ponderação, consulta e apreciação dos pareceres de outras entidades para que não haja consequências para os cidadãos como também para os agentes", esclarece.

## Homem acusa agentes da PSP

**NÉLIO GOMES**  
ngomes@dnoticias.pt

Um homem acusa os agentes da Equipa de Intervenção Rápida (EIR) da Polícia de Segurança Pública (PSP) de agressão, na madrugada do último domingo, durante o arraial da Senhora da Piedade que decorreu no Caniçal. Nesse sentido, formalizou queixa na Esquadra de Machico contra os agentes envolvidos e promete levar o caso até às últimas consequências.

Luís Sousa alega que foi agredido "sem ter feito nada", quando tentava "socorrer um amigo". Segundo o

queixoso, tudo aconteceu quando esse amigo estava "apenas a falar" com um outro indivíduo, após um desentendimento. Entretanto, acrescenta, o filho desse seu amigo saiu correndo do local e, no meio da confusão, os agentes da EIR "começaram a lhe dar nas pernas e nas costas". Na sequência disso, o pai "correu para proteger o filho, jogou-se para cima dele, protegendo-o com o seu próprio corpo", acabando por "apanhar [golpes] nas costas" dados pelos agentes. Nessa altura, adianta o queixoso, "fui tentar socorrer o meu amigo, dizendo aos senhores guardas, já

Distribuidor Molaflex

**molaflex**

O seu descanso é vital.

**30 % DESCONTO**

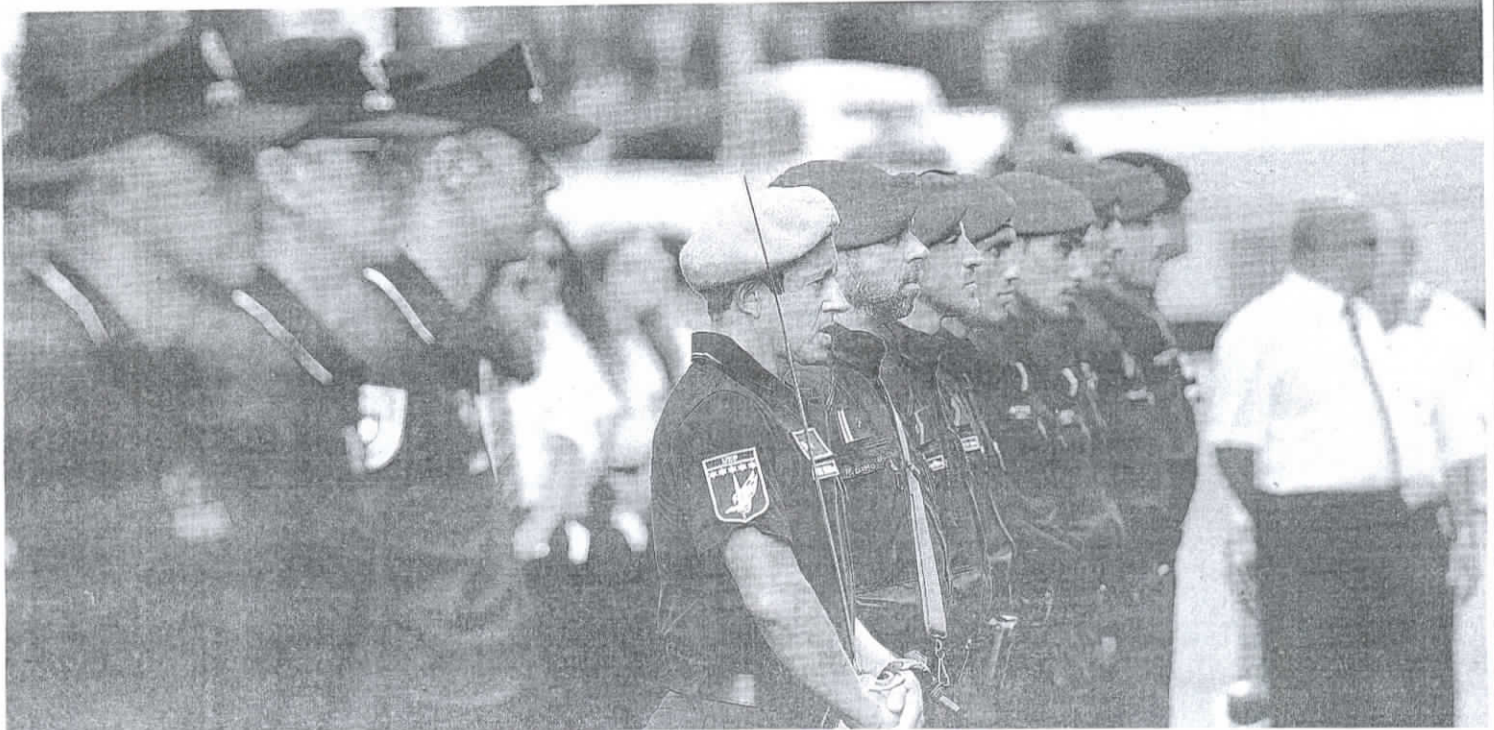
EM COLCHÕES  
SELECIONADOS

RUA DA CARREIRA, 136

Tel: 291244215

nesgadeluz@gmail.com

www.facebook.com/NesgaLuz



Adelino Camacho nota que há uma desproporção entre o número de agentes e de pessoas em grandes arraiais e festas com música electrónica.

A indisciplina contra a PSP surge em eventos onde há forte presença de jovens, consumo desregrado de bebidas alcoólicas e também de substâncias estupefacientes, considera Adelino Camacho. Acredita que foi o que aconteceu no Caniçal, localidade no extremo leste da ilha da Madeira - cujas únicas acessibilidades são estabelecidas por túnel - onde não existe um posto da PSP e onde os problemas sociais associados ao flagelo da droga são bem conhecidos da PSP que ali tem efectuado algumas rusgas e buscas domiciliárias e onde a presença policial nem sempre é bem acolhida na freguesia.

**"Se quer colaborar que faça restrições na emissão de licenças"**  
A agressão aos polícias durante o arraial de Nossa Senhora da Piedade mereceu o repúdio do presidente da

Câmara de Machico. "Não se admite num estado de direito, este tipo de comportamento", afirmou Ricardo Franco que manifestou "total disponibilidade para colaborar" com a PSP "na defesa da segurança pública".

A ASPP/PSP congratula-se com a manifestação de apoio e solidariedade mas Adelino Camacho não deixa de responder lançando um repeto: "se a edilidade quiser colaborar então que faça restrições na emissão das licenças".

#### Polícias estão a perder apoio jurídico, médico e psicológico

A violência contra os polícias foi um dos assuntos abordados na reunião da direcção daquele que é o sindicato de polícia mais representativo no país, que decorreu anteontem em Lisboa, onde esteve também a delegação regional.

## NOVE POLÍCIAS FORAM AGREDIDOS EM SERVIÇO ESTE ANO, TANTOS QUANTOS OS DE 2015

Adelino Camacho lamenta que a postura do Estado, através da Direcção Nacional da PSP, que tutela o Serviço de Assistência à Doença (SAD) dos polícias tenha recusado sucessivamente os pedidos de apoio jurídico solicitados pelos agentes feridos em desordens quando sobre eles pendem queixas apresentadas em Tribunal pelos detidos que, na maior parte das vezes, reclamam do uso excessivo da força.

Tendo de pagar do próprio bolso os honorários a um advogado que os defende, "os agentes não se sentem protegidos pelo Estado", sublinha o coordenador regional da ASPP/PSP. "A maioria dos pedidos de apoio jurídico apresentados por polícias ao Comando Regional da PSP foram indeferidos e muitos dos quais sem haver sequer uma decisão judicial", denuncia o coordenador da ASPP/PSP. Diz mesmo que "nunca houve tantos indeferimentos e não se sabe porquê".

Quem tem vindo a suportar esse encargo, incomportável para os polícias, são os sindicatos. "Uma vez mais, pergunto à tutela, ao Ministério da Administração Interna, se não havendo defesa jurídica, o pessoal deve ou não intervir perante qualquer cenário?", lança.

Também em relação à assistên-

cia médica, os polícias da Madeira não têm motivos para sorrir. Descontam 3,5% do salário para o subsistema de saúde (SAD/PSP) que não está a pagar pelo serviço médico prestado, acumulando uma dívida superior a 6 milhões de euros ao Serviço de Saúde da Madeira - SESARAM que vai suportando a prestação de cuidados aos polícias feridos, conforme foi já noticiado pelo DIÁRIO.

Os polícias têm perdido também o acesso a especialidades médicas em clínicas convencionadas. Primeiro, porque a PSP tem atrasado os pagamentos, depois porque os preços praticados não obedecem aos requisitos exigidos pela SAD/PSP.

Há agentes que estão há 16 meses à espera de uma intervenção cirúrgica, de baixa prolongada e impossibilitados de trabalhar, exemplifica.

"Outros seis agentes estão limitados fisicamente devido a lesões que sofreram em serviço e estão a aguardar decisão para serem intervenções clinicamente", aponta.

Apesar de ser uma profissão de risco, um polícia paga mais por uma consulta do que um funcionário do Estado. Adelino Camacho fez as contas e concluiu que um agente da PSP tem um reembolso maior se se apresentar nos serviços médicos como funcionário do Estado (beneficiário da ADSE) do que da SAD/PSP. "Mais vale o agente dizer que sofreu uma queda em casa do que agredido em serviço", atira. "Isto é ridículo e o sistema não pode permitir isto, porque não estaríamos a ser cordiais com a PSP, com o Estado e com o cidadão", ressalva o dirigente sindical.

### NO CANIÇAL

## e agressão no arraial da Piedade

basta, já chega". Entretanto, acrescenta, "vieram dois ou três guardas atrás de mim, começaram a largar-me nas pernas, na cabeça, nos braços, nos ombros". Luís Sousa diz ter testemunhas de que ficou "de braços abertos, com as mãos levantadas para o ar". Além disso, adianta que não agarrou em nenhum agente. "Eu sei que não posso agarrar quando eles estão a intervir", acrescenta, deixando claro que não estava alcoolizado. E adianta que os agentes "só pararam quando chegou um polícia à civil, identificou-se e disse 'basta'. Aí recuaram e pararam". E acrescenta

que há vídeos e fotos a comprovarem o que aconteceu e que serão "entregues às entidades competentes", ou seja ao Ministério Público. O indivíduo adianta ainda que quando foi à Esquadra de Machico participar da agressão, ouviu uma explicação que o deixou incrédulo. "Disseram-me isto: você tem de compreender que é grande, os polícias talvez ficaram intimidados e viraram-se para você. Mas se for assim, toda a gente que é grande levava porrada. Estou a pagar o preço por ser grande? Mas eles são polícias e sentem-se intimidados por alguém ser grande? Eu não fui bater

em ninguém, apenas fui falar", acrescenta, sublinhando que "é a primeira vez que me meto numa confusão, que tenho problemas com a justiça". Luís Sousa adianta ainda que a população que estava na festa "ficou revoltada, porque viu-me no meio de sete agentes a apanhar com um bastão em ferro", mas diz que "ninguém atirou copos ou garrafas" à polícia. O queixoso foi assistido logo após os incidentes no Centro de Saúde de Machico, para onde foi transportado de ambulância, tendo-se deslocado na quarta-feira ao Gabinete de Medicina Legal do Hospital Dr. Né-

lio Mendonça, onde foi alvo de perícias por parte de um médico. Apresenta dois cortes na cabeça, aos quais foi suturado, um hematoma num olho e num maxilar, um dente partido, mazelas num braço, numa perna e nas costas. "E estive dois dias sem conseguir comer", regista. Recorde-se que, como o DIÁRIO noticiou na edição de segunda-feira, dois agentes da PSP tiveram de receber assistência hospitalar, depois de terem sido atingidos por objectos arremessados por alguns indivíduos, no decurso desta intervenção policial no arraial da Senhora da Piedade.